



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MATHEUS CARNEIRO GUEDES SANTIAGO**

**EVASÃO ESCOLAR DE JOVENS E ADULTOS DE ORIGEM POPULAR**

João Pessoa - PB  
Junho/2018

**MATHEUS CARNEIRO GUEDES SANTIAGO**

**EVASÃO ESCOLAR DE JOVENS E ADULTOS DE ORIGEM  
POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia – Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba – como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dra. Suelídia Maria Calaça

João Pessoa - PB  
Junho/2018

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S235e Santiago, Matheus Carneiro Guedes.  
EVASÃO ESCOLAR DE JOVENS E ADULTOS DE ORIGEM POPULAR /  
Matheus Carneiro Guedes Santiago. - João Pessoa, 2018.  
50 f.

Orientação: Suelídia Maria Calaça.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Evasão Escolar. 2. Sujeitos de Origem Popular. 3.  
Educação de Jovens e Adultos. I. Calaça, Suelidia  
Maria. II. Título.

UFPB/BC

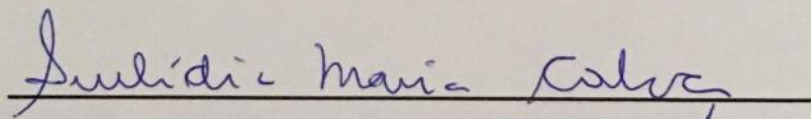
**MATHEUS CARNEIRO GUEDES SANTIAGO**

**EVASÃO ESCOLAR DE JOVENS E ADULTOS DE ORIGEM  
POPULAR**

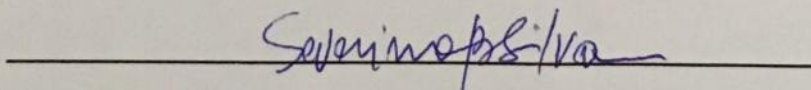
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Pedagogia – Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba – como  
requisito para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 15/06/18

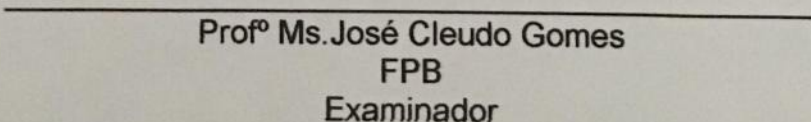
**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Suelidia Maria Calaça  
UFPB/CE/DME  
Orientadora



Prof.º Dr.º Severino Bezerra da Silva  
Examinador convidado



Profº Ms. José Cleudo Gomes  
FPB  
Examinador

A TODOS QUE TRABALHAM COM  
A HONROSA AÇÃO DE EDUCAR.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado suporte, fé e esperança durante toda minha vida e meu curso de Pedagogia, com muita perseverança. Uma conquista desejada por anos desde a minha entrada na instituição UFPB e durante a escola incentivando a estudar.

Agradeço a minha mãe por ter contribuindo o tempo todo com o apoio fabuloso para a realização deste curso, pois se trata de um curso superior, algo muito valorizado por ela.

Aos meus irmãos Lucas e Rebeca, pela compreensão e paciência colaborando com a caminhada desde o começo com grandes obstáculos, vitórias e conquistas. Sempre com apoio e incentivo.

A todos meus colegas do Curso de Pedagogia pelo apoio, e outros colegas de outros semestres que sempre estavam postos para ajudar e discutir o dia a dia de nosso curso, refletindo com ideias e opiniões as dificuldades que tínhamos, proporcionando bons momentos de descontração e aprendizagem, de caminhada e aprendizado, nos grupos de estudos formados para discutir textos e compreender conteúdos.

A minha orientadora, Professora Dr.<sup>a</sup> Suelídia Maria Calaça que sempre esteve à minha ajuda e colaboração por ter contribuído no que foi preciso para elaboração desta pesquisa, sempre solícita e atenta comigo.

A todos os professores, pois sempre estiveram a colaborar com a minha formação transmitindo principalmente o respeito e a opinião do outro mesmo que seja diferente, contribuindo para o desenvolvimento do meu aprendizado e de meus colegas motivando e colaborando com todas as possibilidades, para a realização do curso e do trabalho de pesquisa.

Enfim a todos que ajudaram a concluir o curso, auxiliando para a realização dessa pesquisa. A todos os amigos, para não ser injusto com as pessoas, aos que me apoiaram desde a escola até a conclusão do curso, o espaço seria pequeno para tantos nomes de pessoas que marcam a minha vida.

## RESUMO

O presente TCC tem o objetivo de identificar os motivos de evasão escolar dos discentes da Educação de Jovens e Adultos. Para isto, refletimos sobre a esta modalidade de ensino e seus sujeitos, sobre a evasão escolar através dos índices apresentados no Brasil e na Paraíba, apresentamos a fala dos sujeitos desta pesquisa e discutimos propostas para diminuir a evasão escolar dos sujeitos de origem popular. A fundamentação teórica apoia-se e nos trabalhos de Carbonaro e Workman (2013), Freire (1991/2006), Gadotti (2011), Haddad e Del Pierro (2011), Filho e Araújo (2017), Laffin (2012), Paiva (1973), Pinto (1993), Silva (2015), entre outros. Os sujeitos da pesquisa foram 10 (dez) jovens e adultos do Projeto Curso Pré-universitário PET/Conexões. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Ficou evidente que a causa maior da evasão é a própria escola. Desta forma, chegamos à conclusão de que estes indivíduos muitas vezes se culpam, mas a escola possui responsabilidade pela evasão contribuindo mais para a exclusão social e econômica dos sujeitos.

**Palavras chaves:** Evasão escolar. Sujeitos de origem popular. Educação de Jovens e Adultos.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2 CONHECENDO A EJA E SEUS SUJEITOS</b> .....	<b>12</b>
2.1 Breve histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil .....	12
<b>3 O CONCEITO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS</b> .....	<b>18</b>
<b>4 PROPOSTAS PARA DIMINUIR A EVASÃO ESCOLAR DOS SUJEITOS DE ORIGEM POPULAR</b> .....	<b>22</b>
4.1. Relações entre docentes e discentes na EJA .....	23
4.2. Aproximação escola-comunidade na formação dos sujeitos .....	31
<b>5 CAMINHO METODOLÓGICO</b> .....	<b>33</b>
5.1. Problemática e hipóteses .....	33
5.2. Objeto de estudo e objetivos .....	33
5.3. A metodologia utilizada .....	34
5.4. Caracterizando o campo de pesquisa .....	35
5.5 Sujeitos da pesquisa .....	35
5.6. Análise dos resultados .....	36
<b>6 A EVASÃO ESCOLAR DA EJA NA PARAÍBA</b> .....	<b>38</b>
6.1 Os índices da evasão escolar no Brasil e na Paraíba .....	38
6.2 A evasão escolar a partir das histórias de vida dos sujeitos de origem popular .....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>48</b>

## **LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS NO TRABALHO**

**EJA: Educação de Jovens e Adultos**

**PET: Projeto de Educação Tutorial**

**CEAA: Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos**

**CNER: Campanha Nacional de Educação Rural**

**SENAI: Serviço Nacional da Indústria**

**FNEP: Fundo Nacional de Ensino Primário**

**PNE: Plano Nacional de Educação**

**INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio  
Teixeira**

**MCP: Movimento de Cultura Popular**

**PAS: Programa de Alfabetização Solidária**

**PRONERA: Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária**

**PLANFOR: Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador (destinado a  
qualificação profissional da população)**

**PROEJA: Programas destinados a alfabetização de jovens e adultos**

## 1. INTRODUÇÃO

A escola, vista muitas vezes como instrumento de possibilidades de formação do sujeito como cidadão e desenvolvedor de habilidades sociais, emotivas, cognitivas e de envolvimento coletivo, acaba transformando-se como um facilitador para a evasão escolar. É o que nos propomos a discutir neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Este trabalho surge com este propósito de apontar soluções para o problema da evasão escolar e como os educadores podem resolver esta situação. Para tanto, partimos da leitura de textos de autores como Freire (1991/2006), Guevara (2006), Hurtado (2006), Laffin (2012), Paiva (1973), Pinto (1993), entre outros.

Começamos a 1ª parte e 2ª parte pelo estudo breve do percurso histórico do Ensino de Jovens e Adultos até os dias atuais com avanços e recuos da EJA. Perpassando o percurso histórico do Plano Nacional da Educação, com o surgimento do sistema S que mesclava a educação para o trabalho e as Campanhas Nacionais de Alfabetização.

Discutimos como a educação depara-se com a ditadura militar, onde as campanhas nacionais de educação são extintas e a educação sofre severos ataques. Em 1985 fica apenas o Mobral como programa de governo, posto como forma de alfabetização voltado para a profissionalização e qualificação dos sujeitos com formação para o trabalho aligeirado, menos formal como proposta didática de conteúdo, permanecendo assim até 1988 com a Constituição para a abertura democrática. Em meados de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, garantiu a institucionalização da modalidade.

Na 3ª parte deste trabalho, apresentamos um conceito de educação que está em constante evolução, acontecendo pela dimensão social e histórica que possui de uma determinada época.

Apresentamos na 4ª parte índices de evasão escolar no Brasil e na Paraíba, evidenciando o fato de que muitos discentes precisam trabalhar ou ajudar nos fazeres do cotidiano. Os índices de evasão escolar no Brasil e na Paraíba aumentaram entre 2015 e 2017 na rede educacional tendo influência de fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, bem como escolares.

Na 5ª parte o caminho metodológico desta pesquisa. Trata-se de uma breve explanação sobre a motivação inicial para escrever sobre o assunto do trabalho, com a problemática, nossas hipóteses, objetivo geral e objetivos. Apresentamos o campo de estudo e os sujeitos da pesquisa, bem como os instrumentos de coleta de dados e a metodologia utilizada.

Na 6ª parte, refletimos sobre propostas para diminuir a evasão escolar dos sujeitos de origem popular da EJA, em que a escola, a partir da educação popular promove uma educação baseada no fortalecimento das relações de família.

Vivemos um retrocesso educacional em que o movimento Escola Sem Partido prega uma escola sem reflexão, devemos estar atentos aos retrocessos. Atualmente há um retrocesso posto na área educacional em que avanços conquistados durante os governos anteriores foram deixados de lado. Nesse contexto, buscamos ouvir os sujeitos de origem popular sobre as relações escolares para a partir destas narrativas refletir sobre o problema da evasão. Esperamos que este trabalho possa contribuir para uma maior compreensão a respeito do tema evasão escolar e suas consequências, procuramos compreender, bem como evidenciar os fatores que conduziram a evasão escolar.

Para concluir o presente estudo fazemos nossas considerações finais sobre o desenvolvimento da pesquisa, na qual apontamos soluções sobre o estudo, elencando os problemas dos discentes em relação a evasão escolar e como acontece este retorno.

## 2. CONHECENDO A EJA E SEUS SUJEITOS

O Ensino de Jovens e Adultos surge da necessidade de atender a população brasileira que começava a exigir de seus governantes uma maior inclusão social através da participação popular advinda de um processo histórico. Neste sentido, vamos fazer um breve percurso da história da EJA no Brasil para entendermos esta modalidade de ensino como uma conquista social das camadas sociais que dela necessitam. Em seguida, discutiremos a educação como conceito.

### 2.1 Breve histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil

Em 1854, surgiu a primeira escola noturna no Brasil cujo intuito era de alfabetizar os trabalhadores analfabetos, expandindo-se muito rapidamente. Até 1874 já existiam 117 escolas, sendo que as mesmas possuíam fins específicos, como por exemplo: no Pará para a alfabetização de indígenas e no Maranhão para esclarecer colonos de seus direitos e deveres (PAIVA, 1973).

Na mudança de Império para a República, na tentativa de diminuir o analfabetismo houve um aumento exponencial do sistema escolar para fazer com que o analfabeto votasse e dando condições pedagógicas e melhorando o ensino fazendo com que a sociedade despertasse através de movimentos para a educação de Jovens e Adultos e da educação como uma obrigação do Estado.

A partir do Movimento de 30 do século XX no Brasil, com a república iniciada e com novos contextos sociais, políticos e econômicos, a EJA surge para atender demandas que estavam começando a aparecer e que demonstravam interesse de qualificar essa mão de obra e diminuir o analfabetismo que era crescente de forma complementar, aligeirado e supletivo. Antes a EJA era descartada ou não existia e passa a ter uma finalidade de preparar melhor estes sujeitos para o cotidiano através de políticas públicas com uma proposta pedagógica oriunda do capitalismo dominante dos desejos econômicos que desejava esta qualificação:

Com a criação do Plano Nacional de Educação instituído na Constituição de 1934, estabeleceu-se como dever do Estado o ensino primário integral, gratuito, de frequência obrigatória e extensiva para adultos como direito constitucional. A oferta de ensino básico e gratuito estendeu-se a praticamente todos os setores sociais (VENTURA,2001).

A partir da década de 1940 do século XX surge o Serviço Nacional da Indústria - SENAI com colaboração da iniciativa privada, dando contribuição para as demandas que surgiam para qualificar os trabalhadores, com impactos na EJA e na ampliação das indústrias no país mesclando este tipo de escolarização com o ensino profissional, sendo bastante divulgada pelo governo como fator de brasilidade em meados de 1945 e diminuição do analfabetismo que correspondia a 50% da população brasileira.

Em 1940 foi criado o Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), pelo docente Anísio Teixeira na tentativa de alavancar recursos financeiros para o ensino primário para haver uma maior igualdade na distribuição de renda entre os municípios brasileiros. Teixeira propôs um pacto federativo de distribuição de recursos entre a União e os municípios e cada estado como um “custo padrão”, pré-fixado anualmente. Neste momento é criado o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) responsável pelo estudo e meios educacionais de incentivar estes estudos.

No Brasil, a primeira iniciativa pública, visando especificamente o atendimento do segmento de adolescentes e adultos, ocorreu em 1947 com o lançamento da Primeira Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), iniciativa do Ministério da Educação e Saúde e coordenada por Lourenço Filho. A estruturação e finalidade da EJA começa a despontar através da Campanha citada acima, onde materiais didáticos para a educação de adultos e a realização do 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos, impulsionaram este tipo de educação.

Getúlio Vargas deu amplo processo de espaço para a EJA com a colaboração de seu então Ministro da Educação Lourenço Filho aumentou a escolarização virando importante instrumento educacional de inclusão social e da agropecuária no sistema educacional voltada a alfabetização como a “Fábrica de Leitores”, mas infelizmente como curral eleitoral; nesta expansão observou-se que era preciso fazer mais pela alfabetização para atingir a todos.

## Segundo Pinto

É aqui onde se coloca o grande problema, a divergência (de larga repercussão histórica) entre educação "humanista" e educação "tecnológica". O que se decide, com isto é o conceito que o pedagogo tem da natureza do homem, de seu papel na sociedade, em última análise, do conceito de sociedade para a qual deve preparar o educando o debate persiste até hoje, agora com marcada preponderância dos defensores da educação "técnica", "educação para o mundo de amanhã, etc (1993, p. 41).

As Campanhas Nacionais de Educação – (CEAA) e Campanha Nacional de Educação Rural – (CNER), que existiram entre 1947 e 1952 foram importantes para a alfabetização de adultos nas áreas urbanas e no meio rural como forma de cidadania e educação para a democracia, visando o desenvolvimento do Brasil.

Em 1958, aconteceu a 2ª Campanha Nacional de Educação que fracassou pelo seu caráter eleitoreiro. Nos anos de 1950 o índice de analfabetismo era bastante alto em torno de 55% e Juscelino Kubitschek apostou no expansionismo brasileiro e no plano de metas de 50 anos em 5. Neste governo, todos os grupos de estudos são chamados para a discussão da EJA e a avaliação desta. Neste momento aparece o grupo de Pernambuco liderado por Paulo Freire que discute as instalações físicas em que os discentes eram colocados, bem como a qualidade dos recursos didáticos e a melhor capacitação de educadores. Esta discussão estava voltada para a inclusão do homem e participação coletiva dos temas.

O contexto de 1960-1964, acontece no âmbito de uma crise de hegemonia da classe dominante e em um período em que se verificam movimentos de ascensão política dos trabalhadores. Confrontaram-se duas concepções de educação de adultos: uma que percebia como educação libertadora, como conscientização e outra que a entendia como educação funcional, como treinamento de mão de obra para torná-la mais produtiva e útil ao projeto de desenvolvimento nacional dependente. Algumas experiências da educação de jovens e adultos foram criadas neste âmbito, vinculadas à valorização da educação e da cultura popular e à ampliação da participação das massas no processo político. É o caso do Movimento de Cultura Popular

(MCP), criado em 1960, pela Prefeitura Municipal do Recife. As campanhas colocaram os sujeitos com pessoas críticas, reflexivas e autônomas na condição de como se posicionarem e sistematizarem o conhecimento a partir do conhecimento prévio dos discentes com a educação popular e cultura popular com um material pedagógico rico com suporte adequado ao docente.

Com a ditadura militar as campanhas são extintas por ter um conteúdo considerado subversivo, culminando na expulsão de um dos maiores educadores do país, Paulo Freire.

Em 1971, por força de Lei nº. 5.692 foi regulamentado o Ensino Supletivo, para jovens e adultos que abandonaram as aulas, voltado para a profissionalização e qualificação dos sujeitos com formação para o trabalho aligeirado, menos formal.

Durante o período 1970/1985 o Movimento Brasileiro de Alfabetização - (MOBRAL) surgiu com uma proposta didática com conteúdo direto, aligeirado, reducionista e administrado pelas prefeituras, por comissões municipais constituído por voluntários e gestores que recebiam verbas para seus educadores. Neste período a EJA serviu de massa de manobra para os governantes que permaneceram nos cargos utilizando o aparelhamento do estado a seu favor, órgãos como o Ministério da Educação e a Presidência da República, mantendo a população sob controle.

Em 1988, a Constituição garante a obrigação, mas suprime a oferta da EJA levando a um desmonte nos governos de Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso, a ponto do ministro José de Goldemberg desprezar a EJA.

A partir daí a EJA passou a ter importância através de vários programas que foram criados como o Programa de Alfabetização Solidária (PAS), o Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária (PRONERA) e o Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador (PLANFOR), destinado a qualificação profissional da população.

Quando o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério – (FUNDEF) - foi implantado em 1998, não considerou de imediato os alunos da EJA, apenas discentes do chamado ensino regular. Em meados de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) garantiu a institucionalização da modalidade EJA

deixando de ser supletivo com recursos e como “política pública”, interessante destacar que existe na legislação como lei, mas que na prática do cotidiano a EJA enfrenta enormes barreiras de se instalar nas escolas.

Os programas de alfabetização têm concepções metodológicas e pedagógicas equivocadas, tanto no meio rural como urbano, onde o conteúdo escolar está voltado para a formação técnica aligeirada dos discentes de EJA e esquecendo da realidade e contexto de cada estudante, sem contribuir com a formação como seres humanos plenos.

Houveram avanços consideráveis a partir da gestão de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff com a expansão da oferta e da procura. Em 2003 com o presidente Luís Inácio Lula da Silva, houve um crescimento bastante exponencial da EJA com programas destinados a alfabetização de jovens e adultos como o Projovem, PROEJA e o Brasil Alfabetizado. Mas hoje com o então presidente Michel Temer percebemos que mesmo com políticas públicas educacionais, falta vontade política, permanecendo em seu governo a dualidade na educação para os ricos, onde estes chegam até o ensino superior assumindo as vagas nos cursos como medicina, direito e engenharia e para os pobres cursos de formação profissional e cursos técnicos para o trabalho.

A partir deste breve histórico da EJA, consideramos que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem registrado em sua história muitas conquistas, no entanto, encontramos ainda alguns desafios: a maioria das escolas que adotam a EJA não desenvolvem suas atividades de maneira plena, falta professores qualificados, discentes em déficit no processo de escolarização nos turnos da manhã ou tarde. Pois, a grande quantidade dos alunos do turno da noite, são direcionados a estudarem pelos pais ou porque precisam trabalhar durante o dia.

O Brasil que ingressa no século XXI está integrado cultural, tecnológica e economicamente a essas sociedades pós-industriais, e comporta dentro de si realidades tão desiguais que fazem com que as possibilidades e os desafios da educação permanente também estejam colocados para extensas parcelas de nossa população (HADDAD e DI PIERRO: 2000, p. 128).

Muitos alunos estão fora do processo de ensino-aprendizagem. Alguns programas que buscam a inclusão estão voltados apenas para a formação

profissional, esquecendo-se de trabalhar valores étnicos e morais. No Brasil os desafios continuam no que respeita a necessidade de a escolarização trazer o mundo do senso comum para a relação com a ciência, a fim de que os alunos passem a ser sujeitos críticos, integrados com as tecnologias e que a universalização da alfabetização beneficie quem está fora do processo educacional, não apenas no discurso.

Com base na compreensão histórica pudemos refletir sobre os primeiros passos da EJA e que este é um processo construído historicamente por transformações sociais, políticos e econômicos que impediram ou favorecem a luta pelo direito à educação dos jovens e adultos analfabetos e semianalfabetos brasileiros que necessitam desta modalidade de ensino.

### **3. O CONCEITO DE EDUCAÇÃO E DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

A educação deve ser encarada pelos educadores de forma criativa e inclusiva, despertando nos jovens e adultos o gosto e o potencial para buscar novas formas de aprendizagem para que os discentes possam expressar suas manifestações.

O compreender da educação faz-se presente na prática cotidiana do educador. A educação possui várias definições, sendo compreendida pela dimensão social e histórica que possui de uma determinada época. Esta dimensão geralmente é norteadora pela elite social, baseada em um modelo educacional dominante, conservador e burguês. Para Pinto (1993, p.30)

A educação é um processo, portanto é o decorrer de um fenômeno (a formação do homem) no tempo, ou seja, é um fato histórico. Todavia, é histórico em duplo sentido: primeiro, no sentido de que representa a própria história individual de cada ser humano; segundo, no sentido de que está vinculada à fase vivida pela comunidade em sua contínua evolução. Sendo um processo, desde logo se vê que não pode ser racionalmente interpretada com os instrumentos da lógica formal, mas somente com as categorias da lógica dialética.

Este autor desenvolve um conceito de educação ingênua e educação crítica. A educação ingênua é aquela que o sujeito realiza para si, a introspecção. A educação crítica é direta, objetiva com autonomia crítica a partir do conhecimento prévio em que o discente compara e analisa o conhecimento novo e produz um novo conhecimento, ou seja, tese, antítese e síntese.

A educação promove reflexões sociais e modelos efetivados na sociedade como uma dicotomia entre uma escolarização erudita para as elites e “migalhas” para o povo, de educação não formal e não letrada. Uma oposição entre a educação humanista e tecnológica, trabalho manual ou trabalho intelectual.

A educação não alienada produz um sujeito crítico e reflexivo no processo de transformação do conhecimento educacional. O sujeito crítico possui dignidade como cidadão, autonomia para refletir e interpretar conhecimentos e

para construir novas ideias e novos saberes. Dentro da educação não alienada a reflexão de teorias críticas é constante com a objetividade que é a concretude (educação como processo social) (a educação como processo de transformação do ser do homem) histórico (educação como processo histórico) e a totalidade (fatores como o país, o mundo, fatores sócio históricos e culturais).

O educando é o foco no processo educacional, promovido por uma educação emancipatória crítica e reflexiva deste sujeito. Esta educação requer esforços de toda a comunidade escolar, educadores, sociólogos, discentes, entre outros. Constituída pela aproximação da consciência, está presente durante todo o processo de construção de ideias, reflexões, posicionamentos envolvendo o currículo, o material didático, livros e infra-estrutura. Os saberes que o educando realiza são empíricos, fecundos e não-dogmáticos. Sabemos que a educação que promove a igualdade vai produzir uma sociedade mais igualitária e justa de modo a oportunizar a todos o acesso à educação. Segundo Pinto (1993, p. 104)

Importante é compreender que todo esforço social de alfabetização dá em resultado a criação de um exército de reivindicantes de maior educação. É um resultado normal, mas que significa a criação de novos e mais graves problemas educacionais para o futuro. Os dirigentes políticos do país devem estar atentos para este efeito de seus propósitos, ao desenvolver a educação de adultos, pois quanto mais educação se dá ao indivíduo mais exigente este se torna, e isto porque: 1) ou encontra na sociedade os meios de aplicar em trabalho mais qualificado seus novos conhecimentos, e com isso desejará alcançar mais tarde níveis mais altos de saber e de trabalho (fazendo-se reivindicante); 2) ou não encontra essa possibilidade e se torna um reivindicante ainda mais veemente contra o meio que não lhe permite desenvolver os conhecimentos que agora adquiriu. De toda maneira é sempre um reivindicante.

Para que o educando possa ser crítico é importante a superação da consciência ingênua de “subalterno”, a partir da reflexão própria e o educador igualmente necessita de reflexão do que é educar.

No que respeita a Educação de Jovens e Adultos, Pinto trabalha a partir do viés antropológico que é o estudo do homem. Para ele “o adulto não pode ser visto como criança e a criança como adulto”, ou seja, são sujeitos distintos

e com processos educacionais diferentes com educação pelo olhar do homem. Observamos que muitos docentes trabalham da mesma forma com as crianças, jovens e adultos, com exercícios simples de memorização rápida sem o estímulo de reflexão e autonomia dos discentes. É importante sabermos que público devemos atingir:

A questão "A quem educar?" Se refere ao lado principal do conteúdo humano da educação (o outro lado é o educador). A resposta a esta pergunta é proporcionada pela sociedade como um todo. A sociedade onde imperam desigualdades nas oportunidades, pela força de seu estado presente de desenvolvimento e de seus interesses, está continuamente procedendo a um julgamento de seus elementos humanos, destinando uns à educação sistematizada, escolarizada, erudita; e outros à educação informal, livre, não letrada (PINTO: 1993, p.46).

Sabemos que o adulto desenvolve seu modo de pensar e raciocinar nem sempre com autonomia. O ensino de EJA é um importante acesso da aprendizagem buscando a emancipação crítica do sujeito, neste sentido o educador está como catalisador e norteador do processo educacional do educando que traz consigo o conhecimento prévio e vai adquirindo novos conhecimentos, testando ciências experimentais, procurando se igualar ao conhecimento do docente ou eventualmente superar.

No processo educacional de adultos advém de uma "visão regressiva" para Pinto, historicamente os mais pobres sempre foram penalizados educacionalmente, moralmente com direitos não efetivados, atrelados a uma concepção ingênua e preconceituosa de julgamentos por parte da elite brasileira conservadora, jovens e adultos da EJA de origem popular eram marginalizados. Com esta visão regressiva na educação é evitado o processo dialético reduzindo as dimensões sociais, econômicas, políticas, filosóficas e culturais dos sujeitos.

Para mediar o processo da linguagem alfabética para um jovem adulto atual, requer um docente com uma formação para o ensino de adultos e jovens incluindo os mais diferentes instrumentos para estimular o processo de aprendizagem. O analfabeto não precisa saber ler e escrever devido a sua construção de concretudes e existência, ele necessita a ter acesso a políticas

públicas de qualidade aumentando o acesso, oferta e permanência de sua escolarização. Não é o currículo, métodos e a matéria a ensinar que determinam o tipo de educação ofertada, mas os interesses e motivos de cada educando.

Os saberes da matemática, português, ciências, geografia e história devem ser articulados promovendo a interdisciplinaridade entre os saberes, contexto e conteúdos com o cotidiano do educando, contextualizando e buscando a participação coletiva. A partir da construção dialógica da EJA, educador e educando vão construindo redes de informações, ambos observando o processo de ensino e aprendizagem.

A educação crítica e emancipatória deve ser estimulada pelos nossos governantes e através de políticas públicas de inclusão de jovens e adultos, gerando uma intencionalidade por parte dos governos e da outra parte da escola em saber os motivos da evasão escolar, do afastamento. A EJA deve ser construída por um pensamento holístico, ou seja, na visão de um todo como um quebra cabeça feito por todos que compõem a unidade educacional. O ser humano por completo, sem fragmentação do ser, formado através da educação crítica poderá posicionar-se diante do mundo com autonomia e reflexão de seus atos, valores, atitudes e princípios.

A identidade dos sujeitos da EJA não está sendo considerada no processo de ensino-aprendizagem, na maioria das práticas educativas. Estes sujeitos aprendentes estão sendo vistos como mão de obra barata para o mercado. Deixamos de ter um modelo de educação fordista para o adotar um modelo de educação do toyotismo, produção por demanda.

Infelizmente a dualidade existe entre ricos e pobres e em relação a educação e a EJA o toyotismo está sendo utilizado para as classes subalternizadas da classe trabalhadora paralela ao sistema regular de ensino.

#### **4. PROPOSTAS PARA DIMINUIR A EVASÃO ESCOLAR DOS SUJEITOS DE ORIGEM POPULAR DA EJA**

Durante as décadas de 60,70 e 80 do século XX no Brasil, a educação teve influências das elites políticas e econômicas que determinavam posicionamentos e normatização. As iniciativas privadas dominavam a área educacional. Desta forma a educação popular provocou mudanças no sentido de resistência a mercantilização da educação o que acabou articular com intelectuais e classe popular. Na década de 80 aparecem devido à falta de políticas públicas e interesse do estado as primeiras cobranças da população por serviços de educação a população com a presença de um estado forte envolvendo profissionais de educação e grupos populares solicitando serviços públicos de qualidade e participação popular dos serviços.

Muitas vezes uma escola se diz pública, mas a evasão aparece, o que nos mostra que isto é um processo complexo e que requer políticas públicas permanentes. Para prevenir o problema da evasão escolar recomenda-se um bom ambiente alfabetizador, bons laboratórios escolares, equipamentos tecnológicos e pessoal de suporte para atender as demandas. Também é imprescindível um projeto político pedagógico que possa abarcar as demandas sociais, econômicas e culturais da instituição que o sujeito de origem popular está inserido. A relação com a família também colabora para a manutenção do estudante na instituição, sabemos que um ambiente cercado de conflitos aumenta as chances de evasão escolar. Existe também a necessidade de uma gestão escolar eficiente para poder solucionar os problemas sem autoritarismo, conhecendo seus alunos, buscando compreender os motivos das faltas ao ambiente escolar.

Outra figura importante é o professor. Este deve se preocupar com a repetência e o processo de escolarização, como o trabalho, a vida e o comportamento para transformar esse saber que tem dos discentes em processos de aprendizagem. Para desenvolver o conteúdo escolar, é preciso que o professor seja acessível aos alunos e promova a escolarização de forma qualitativa e considerando todos os elementos da vida do aluno como elemento pedagógico.

A escola tem conteúdos próprios que indica o que ela quer ensinar: matemática, português, ciências, etc.

A grande questão escolar é a obrigação legal do que ensinar, a experiência de vida, os conteúdos que são dados de forma abstrata e imagética que tem a cultura de cada um com características de gênero, raça.

A pedagogia atual possui uma orientação fragmentada, parcelada e a produção não dialoga com a formação do sujeito. A condução realizada pela escola é incoerente, pois segue aquilo que é ditado pelos interesses individuais como passar em provas como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), anulando as demandas educacionais do movimento social, contribuindo para uma sociedade dependente, sem muita clareza da escala internacional na geopolítica e da atual invasão de cultura de massas na cultura local. Estes são temas em sala de aula para qualquer disciplina, como história por exemplo.

#### 4.1 Relações entre docentes e discentes na EJA

Com a redemocratização do Brasil em 1988 houve uma participação maior da sociedade sendo sujeitos participativos em cobrar das autoridades a partir da reabertura democrática em que o voto democrático foi consolidado e com maior decisão coletiva de maior cobrança e solução dos problemas educacionais. A educação popular apresenta-se como uma forma de articular os profissionais de educação e de outros profissionais e sociedade como padres e cientistas sociais tendo como Paulo Freire o método de buscar a solução dos problemas coletivos e sociais investigando os motivos e buscando a criticidade dos sujeitos para melhorar as estratégias para o enfrentamento e resistência construindo com a participação de todos. Partindo do conhecimento prévio e interação cultural, compartilhando conhecimentos e posicionamentos políticos, problematizando abertamente o que causa os problemas. Neste sentido os movimentos sociais expressam a coletividade dos setores excluídos da sociedade cobrando das autoridades com diálogos, solidariedade e participação para superar a exclusão.

Houveram avanços considerados da presença da educação popular na comunidade, criando espaços de debate, problematizando com as lideranças e comunidade as lutas daquele contexto com os problemas estruturais como falta

de moradia, saneamento básico, saúde e educação e todos buscam formas de superar esses problemas, mas sim a valorização coletiva das práticas e saberes dos sujeitos empenhados em resolver as demandas populares.

Após 30 anos da redemocratização, é importante diretrizes para a gestão política da educação envolvendo os entes federal, estadual e municipal capazes de ampliar a participação popular com troca de conhecimentos e saberes através do serviço e população. Portanto discursos demagogos devem ser evitados pelos governantes que devem buscar formas de formação profissional em Educação Popular com materiais educativos, recursos com a problematização coletiva envolvendo a mídia, comunidade e profissionais de saúde e educação, visando um trabalho amplo educativo com a participação ativa dos profissionais. É importante que os sujeitos se emancipem e se libertem das práticas opressoras econômicas, políticas e culturais.

A educação popular com a metodologia ativa se faz presente pela inclusão através de projetos de extensão das universidades e treinamentos dos profissionais das secretarias e políticas públicas para despertar a sociedade de seu papel de cobrar as autoridades soluções de seus problemas através do diálogo, escuta e ação. Para Gadotti (2011, p.22)

Educadores e grupos populares descobriram que Educação Popular é, sobretudo o processo permanente de refletir a militância; refletir, portanto, a sua capacidade de mobilizar em direção a objetivos próprios. A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização.

Vários profissionais cansados desta mercantilização e exploração dos serviços pelas elites tem buscado na comunidade lideranças e pessoas que queiram participar deste processo que envolvem as graduações das universidades, movimentos sociais, profissionais de educação com sensibilidade para a reflexão crítica com situações pedagógicas problematizadoras e inclusivas buscando soluções e enfrentando os problemas e indignações da comunidade. Com práticas coletivas para superar os

problemas econômicos, políticos do ser humano superando as práticas individuais pensando no coletivo.

Entendemos que a formação é contínua. O ensino de Jovens e Adultos perpassou por várias dificuldades, desde quando foi criada no século passado, perpassando por várias governantes como Juscelino Kubitschek e pelas campanhas de alfabetização, pela ditadura, redemocratização, da oferta da EJA atrelado mercado de trabalho reconhecendo como modalidade com desejos e possibilidades através de desafios que são construídos socialmente com ônus, bônus, recuos e avanços, adaptando ao currículo.

Nos dias atuais o contexto, infelizmente, mostra que falta vontade e políticas públicas e como não há interesse do governo em ampliar ofertas de vagas, formação continuada de professores com uma valorização profissional e inclusão no currículo das escolas. Portanto um olhar diferenciado é preciso para uma maior inclusão social, econômica, destes sujeitos jovens e adultos que se encontram numa exclusão que já está posta. Como educadores temos que saber o que queremos e como vamos chegar para melhor incluir discentes da EJA, para que possam refletirem e se posicionarem.

Acreditamos na possibilidade que o educador promova reflexões teóricas e destacando o papel ativo do sujeito que cada ser humano possui na individualidade para a coletividade. Partindo do senso comum que conhece do mundo e possa dialogar com novas informações que aparecem no momento da descoberta de conhecimento. Os docentes devem incentivar e valorizar a curiosidade dos alunos, tornando-os seres políticos, críticos, deixando de lado a ingenuidades e partindo para uma coletividade mais aberta com dinamismo democrático e a pluralidade de ideias possa florescer, já que o diálogo é uma via de mão dupla.

É importante que o docente esteja atento a seus discentes e possa estabelecer um senso crítico nas relações educacionais e que possa respeitar o saber popular que os discentes levam por toda vida com valores éticos, sociais e familiares. Estar próximo do aluno conhecendo suas experiências e discutindo esta aprendizagem é um norteador para a atuação do pedagogo. O docente deve respeitar o saber popular e os valores éticos que os alunos trazem de experiências.

Através de uma metodologia que possa problematizar construtivamente, construindo um momento que a comunidade possa envolver-se para participar de todos os momentos do planejamento e de sua execução. Os docentes são catalisadores e norteadores do processo educacional que envolve amor, afinidades e compartilhamento de experiências afetuosas. Para Freire (1991) o sonho do educador é que a escola virasse uma atração sem perder a seriedade, a disciplina e o rigor intelectual, enquanto centro de produção de conhecimento.

Os educadores possuem o papel de trazer os discentes para a libertação de conhecimento, desenvolverem a autoestima dos estudantes tornando sujeitos emancipados, donos de seus próprios caminhos e conhecimentos e lutando contra um sistema que oprime e anula a participação dos oprimidos. Somente com uma educação libertadora é que vamos tornar os sujeitos políticos, pois a política está em tudo. Estes sujeitos já são punidos pelo estado que não fornece uma educação de qualidade, nem facilita o acesso, a permanência e a aprendizagem dos mais pobres.

A desigualdade social que impera no Brasil possui ramificações no processo educacional e de aprendizagem dos discentes que estudam na educação básica e conseqüentemente na universidade. Os discentes de origem popular passam por várias situações antes de adentrar e retornar as salas de aula. Contudo o docente deve estar preparado para receber estes sujeitos que se encontram a margem da sociedade e que voltam a estudar.

Uma proposta para diminuir a evasão escolar dos sujeitos de origem popular da EJA é o levantamento da turma, já nas matrículas dos discentes. Este levantamento visa questionar se o sujeito da EJA já teve alguma desistência, antes de começar as aulas, e procurar quais foram os motivos da causa do abandono escolar naquela época em que os sujeitos jovens e adultos de origem popular cursavam o ensino na modalidade regular e a motivação para o retorno aos estudos.

Em seguida acompanharmos de perto através de um planejamento que envolva toda a gestão escolar da direção escolar a merendeira toda tem voz e aspectos que podem fazer com que intervenções sejam feitas durante todo o processo educacional. Com o planejamento no ensino podemos prever, fazer, registrar e avaliar para continuar planejando e planejar, realizando a crítica

através da prática com novas perspectivas e direcionar as relações com os adultos. Rever posições e metodologia, modos de enfrentar surpresas e dificuldades e enfrentar surpresas e dificuldades. O planejamento se fez necessário para a construção do processo de ensino aprendizagem, pois Russo (2001, p.52)

Planejar antecipadamente atividades [...] é de fundamental importância que o professor conheça e se informe acerca dos conteúdos a serem desenvolvidos junto aos alunos. Saber claramente seus objetivos, esclarecer possíveis dúvidas, planejar conteúdo, sequenciar atitudes e, principalmente, saber o que se pode esperar de cada aluno são subsídios que fortalecem o professor em sua prática educativa. Sabendo onde quer chegar, o professor pode elaborar estratégias, aproveitando as oportunidades e baseando-se nos interesses dos alunos. A classe é estimulada, os alunos demonstram suas preferências e o professor orienta o desenvolvimento dos trabalhos.

Acreditamos numa gestão eficiente para poder solucionar os problemas da escola, sem autoritarismo conhecendo seus alunos, através do acompanhamento de todo o processo educacional, da direção escolar a merendeira. A escola deve ter uma gestão ciente de suas obrigações e do que está acontecendo em seu interior. Estas atitudes minimizam a evasão escolar, evitando a repetência do aluno. É função da escola zelar pela frequência dos discentes na EJA.

Nesse sentido, quando falamos “ em adultos em processo de alfabetização”, no contexto social brasileiro, nos referimos a homens e mulheres marcados por experiências de infância, pois não puderam permanecer na escola pela necessidade de trabalhar, por concepções que os afastaram da escola como a de que “mulher não precisa aprender” ou “saber os rudimentos da escrita já é suficiente”, ou, ainda, pela seletividade construída internamente na rede escolar que produz, ainda hoje, itinerários descontínuos de aprendizagens formais. Referimi-nos à homens e mulheres que viveram situações limite nas quais o tempo de infância foi, via de regra, tempo de trabalho e de sustento de famílias (MOLL: 2011,p.9).

O processo histórico de afirmação da EJA foi construído ao longo do tempo, sendo identificando entre os discentes questões de rejeição, subordinação, neste sentido, o diálogo é a solução para atingirmos uma

sociedade de diferentes credos e opiniões. Divergências vão sempre existir, mas numa sociedade que se diz minimamente democrática é preciso o contraditório e que não posso concordar em nada que um sujeito me diz, mas vou até o fim para que ele tenha o direito de colocar seu pensamento, em um processo que envolve relações de poder (material, emocional, julgamentos, valores). Somente através de lutas vamos resolver problemas como a desigualdade de renda, problemas sociais, econômicos.

Através da educação, a reflexão é construída através da escola com conteúdos instrumentais básicos de aprendizagem (verbal, matemática e artística) de modo crítico, interpretativo, de compreensão e intervenção da realidade no contexto que o educando e o educador estejam inseridos para avançar como seres humanos completos e transformando as relações sociais, causando uma revolução nos direitos humanos incluindo trabalhadores, desempregados, autônomos. Com um movimento do individual para o coletivo, complementados com a realidade global amplamente possível na construção de uma sociedade democrática, justa e plural.

Para a Educação Popular, a educação é um fato democrático e democratizador, tanto dentro quanto além da sala de aula. A chave é a atitude democrática do educador. Sua proposta está baseada na pedagogia do diálogo e na participação. Ele é capaz de ensinar e de aprender. Sabe falar, porque sabe escutar. Ele oferece seu conhecimento, por que se abre ao conhecimento do outro. Pode produzir sínteses entre o ato de ensinar e o ato de aprender: “educador-educando, educando-educador” (HURTADO: 2006, p.153).

Educadores e grupos populares devem descobrir que a Educação Popular é sobretudo o processo permanente de refletir a militância; refletir, portanto, a sua capacidade de mobilizar em direção a objetivos próprios. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização.

No entanto, o que vejo é que a EJA, ao se constituir em processo de escolarização, já está inscrita em certa sistematização e organização, perante o direito dos estudantes a uma estrutura pedagógica e física em outro modelo da escolarização ao ensino formal, o qual deve atender às particularidades dos sujeitos jovens, adultos e idosos. Nessa perspectiva, é preciso que se configurem modos próprios de

funcionamento escolar, organização dos saberes, modos de participação dos professores e estudantes nas decisões institucionais, até a organização dos tempos e dos espaços escolares (LAFFIN: 2007, p.221).

Visando aproximar a comunidade dos profissionais de educação preocupado com o sentir, agir, almejando a melhor construção coletiva dos problemas existentes, muitas vezes questionado pela própria população na sua efetividade como a falta de profissionais de educação para o atendimento. Pouco tem sido investido pelos governos, invertendo a ordem de recursos mais para o marketing e campanhas de massas através de panfletos e programas de televisão e pouco para a interatividade com os sujeitos, o que reforça o modelo autoritário controlador do estado.

No que se refere a acesso, retomar por princípio o sujeito da ação educativa na EJA compreende a necessidade de diversificar formas de entrada na educação básica, não apenas no que se refere a romper com tempos determinados de matrícula, mas garantir que a entrada e o retorno às classes de EJA possam se dar ao longo de todo o processo de andamento do projeto pedagógico. Enfrentar questões de acesso é também reconhecer que o público jovem e adulto precisa ser conquistado para voltar ao sistema, ser convencido de que vale a pena estudar e de que a escola que o espera tem outro formato daquela que abandonou ou de que foi excluído, anos antes. Não há acesso sem mobilização de demanda e, nesse aspecto, toda a sociedade civil precisa ser forte aliada do sistema de EJA. Poder público e sociedade organizada, juntos, podem reverter a visão negativa que marca o imaginário de jovens e adultos sobre a escola (BRASIL: 2008, p.6).

A EJA precisa ser vista pelos governantes como um direito constitucional garantido pelo artigo 205 da Constituição Brasileira, na qual a educação deve ser de qualidade para que mais conquistas possam favorecer e ampliar as oportunidades.

Permanência também tem a ver com o tema da intersetorialidade da EJA, pois o retorno à escola e o sentido do conhecimento ali produzido estão relacionados à vida e ao cotidiano das pessoas que convivem no mundo do trabalho, que precisam saber cuidar da saúde, que produzem cultura, que precisam reaprender, na convivência com o ambiente em que habitam. Portanto, é um desafio Inter e extraescolar, o que exige da EJA saber exatamente o que se passa do lado de fora dos muros da escola, o que em grande medida indica

condições de permanência ou não de jovens e adultos nela (BRASIL: 2008, p.7).

Os sujeitos já possuem experiências e conhecimentos que não podem ser desprezados. O sistema exclui estas pessoas quando elas saem da escola e está volta deve ser com bastante entusiasmo pela comunidade escolar e de acolhimento para os sujeitos serem inseridos socialmente, pois são sujeitos com identidade e história que precisam ser respeitados.

Freire afirma (2006, p.48), “ler e escrever é como momentos inseparáveis de um mesmo processo, o da compreensão e do domínio da língua e da linguagem”. Ler para Freire é uma forma de estar no mundo.

Uma forma que o docente pode trabalhar com os discentes é através do projeto didático pedagógico que não é apenas um plano de trabalho ou um conjunto de atividades bem organizadas. É muito mais que isso. O projeto didático ocorre durante todo o processo e não se envolve somente conteúdos, mas traz diversos tipos de conhecimentos, sobre como conviver, negociar e se posicionar. Cada projeto tem o objetivo de levar ao aluno um tipo de conhecimento.

O projeto didático norteia o docente a articular os conteúdos, metodologia com a prática para refletir com os adultos.com isto a partir do conhecimento prévio que os discentes já trazem o docente poderá estruturar sua aula e a partir da realidade educacional dos discentes estimular os discentes a escrita e a leitura sendo orientado e ao mesmo tempo os discentes socializam a leitura e a escrita.

O docente atua como catalisador buscando articular o conhecimento dos discentes que estão descobrindo as novas informações não somente como forma única de informações, mas procurando outras formas dessa forma o professor intervém para que o diálogo flua com planejamento, socialização e incentivo no processo.

O projeto didático facilita a interdisciplinaridade entre as disciplinas com metas educacionais, objetivos específicos de ensino, procedimentos de ensino e atividades pedagógicas. Envolvendo os discentes e a valorização com conscientização dos discentes com a duração, áreas de conhecimento,

objetivos, etapas previstas e o feedback final de todo o processo construído ao longo da aprendizagem.

Outros recursos, que podem compor esse cenário de aprendizagens, são os diferentes textos que circulam pela vida das cidades e pelas casas dos alunos: reportagens, crônicas e outros estilos literários, seções específicas de jornais e revistas, embalagens de produtos de uso cotidiano, jogos, livros para consulta como dicionário, enciclopédias, atlas. O professor tem um papel fundamental, tanto na seleção e na escola dos materiais quanto nas aproximações pedagógicas que poderão ser construídas no contexto da sala de aula (MOLL: 2011, p.14).

Os sujeitos que são vistos como fracassados, mas tiveram diversas razões para abandonar os estudos, através de um currículo que possa contextualizar a realidade e utilização de uma metodologia e matérias didáticos que possam trabalhar a questão do fracasso e usufruir como um incentivo com aulas dinâmicas neste processo que é bastante complexo.

Conforme Laffin (2012) Nessa direção, defende-se uma formação que contemple as particularidades e um campo de conhecimentos e saberes teórico-metodológicos próprios da docência na EJA, que permitam pensá-la como área de estudo fundamental nos cursos de formação em nível superior. Caminhamos na constituição de uma docência que se dá num constante devir inscrito nas múltiplas possibilidades do fazer humano, em que nos tornamos professores e professoras de EJA.

#### 4.2 Aproximação escola-comunidade na formação dos sujeitos

Os docentes podem e devem buscar formas de sempre estar próximo de seus discentes, com suas dificuldades, desafios e vitórias, buscando trazer o contexto do cotidiano dos alunos para dentro da sala de aula, desempenhando um papel de educador progressista pela inclusão do aluno.

Para acontecer as mudanças em suas vidas, seus hábitos e costumes, a ter respeito com os colegas, respeitando as diferenças de cor, sexo e etnia a mudança começa em nós próprios acabando com gestos ruins de conflito. A educação popular é algo marcante que perpassa por desenhos, músicas,

imagens, entrevistas havendo coesão entre aluno e educador e ao mesmo tempo sensibilidade de ambas as partes.

É importante também que o professor exerça sua profissão e ao mesmo tempo dívida com seus alunos exemplos do cotidiano, do dia-a-dia, se não a aula fica monótona, engessada, centrada no modelo tradicional transmissivo em que o professor dita as idéias e opiniões e os alunos fazem copiar ou apenas assimilar sem que haja participação de todos alunos.

Reconhecer-se como sujeito capaz de provocar mudanças. O crescimento em autonomia e identidade, assim como a confiança em que é possível impulsionar processos de transformação da realidade para uma vida digna para todos e todas, é um ganho que hoje em dia é aspecto fundamental no desenvolvimento de processos emancipadores (GUEVARA: 2006, p.216).

Acreditamos que a escola deve envolver a todos da comunidade escolar é preciso para não ficar um processo solto sem diálogo e como todo processo tem suas dificuldades como o relacionamento escolar entre educador e alunos, algumas vezes a escola é tradicional, religiosa vai depender do contexto de cada um, local, dos alunos, o professor tem sua didática de aproximar do aluno. Realizar a autoavaliação entre professor e alunos o que ambos possam melhorar, dificuldades, acertos e erros é uma forma de aprendizagem de ambos se conhecerem e aprenderem melhor.

Uma escola problematizadora que procure descobrir e sanar os motivos da evasão escolar e desinteresse dos alunos se faz necessário, pois a EJA a partir dos primeiros ciclos de alfabetização é desenvolvida para atender este público.

## 5. CAMINHO METODOLÓGICO

O tema do TCC é a evasão escolar de jovens e adultos de origem popular. A pesquisa foi desenvolvida junto ao Projeto de Curso Pré-universitário PET/Conexões. Busca-se com este trabalho compreender os motivos da evasão escolar dos jovens e adultos de origem popular e porque retornam aos processos de escolarização, que expectativas têm e como isto pode impactar em suas vidas.

### 5.1 Problemática e hipóteses

Este trabalho tem como problemática a evasão escolar de jovens e adultos de origem popular. Algumas hipóteses foram construídas para se entender os motivos desta evasão:

- Trabalho ou sustento pessoal;
- Desmotivação por causa da relação com os docentes, a didática empregada nas aulas, os materiais didáticos;
- Dificuldades com a língua escrita e os rudimentos da matemática;
- Dificuldade de acompanhar o ritmo dos outros discentes e docente;
- A inexistência de uma proposta pedagógica para a Educação de Jovens e Adultos.

### 5.2 Objeto de estudo e Objetivos

Como objeto de estudo foi colocado a evasão escolar de pessoas jovens e adultas de origem popular, sujeitos do Projeto de Curso Pré-universitário PET/Conexões. Tendo como Objetivo Geral identificar as causas do abandono escolar na época em que os sujeitos jovens e adultos de origem popular cursavam o ensino na modalidade regular e a motivação para o retorno aos estudos. Com a preocupação de se voltar para a sugestão de propostas para diminuir a evasão escolar.

Para se alcançar os objetivos foram adotados os seguintes passos na escrita do trabalho: discutir o perfil dos sujeitos jovens e adultos de origem popular e a relação disto com seus processos de escolarização; refletir sobre a

evasão escolar na educação de jovens e adultos; apontar propostas para diminuir a evasão escolar nas turmas de Educação de Jovens e Adultos.

### 5.3 A metodologia utilizada

A metodologia que foi utilizada é a pesquisa do tipo qualitativa-exploratória. A partir dos sujeitos jovens e adultos de origem popular e a relação disto com seus processos de escolarização e a evasão escolar nesta modalidade de ensino. Usamos como instrumento de coleta de dados a realização de um questionário com 6 questões abertas que foram lidas para os discentes de modo com que os discentes eram gravados no momento da fala sendo captado maiores detalhes dos sujeitos e o livre uso da fala.

Para melhor compreensão deste estudo e também para alcançarmos nossos objetivos foi utilizada a entrevista como procedimento técnico de investigação.

Na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. A entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas (Lüdke e André, 1986).

A entrevista foi um instrumento indispensável, pois nos favoreceu a interação entre pesquisador e sujeitos, nos viabilizando assim a expressão de seus conteúdos cognitivos, atitudinais e afetivos. A escolha do instrumento para a coleta de dados é fundamental para a construção do objeto de pesquisa. Sobre essa concepção, Sá comenta que (1996, p. 100 -101)

Um primeiro problema que se coloca a todo pesquisador, mesmo que não advertido nesses termos, diz respeito à coleta de dados. Embora tal atividade tenha obrigatoriamente que ser complementada pelo tratamento ou análise dos dados, parece oportuno enfatizar sua importância na construção do objeto, bem como sua dependência em relação a eleições teórico-conceituais prévias.

Optamos por utilizar a entrevista semi-estruturada, pois é um instrumento interessante para obter informações através da coleta de dados permitindo a valorização do entrevistador e proporciona todas as conexões possíveis para que o entrevistado tenha liberdade nas afirmações. Ainda segundo Triviños (1987, p. 145)

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem respostas do informante.

Nessa perspectiva a entrevista semi-estruturada permitiu a aquisição de informações com espontaneidade – a fim de entender a história de evasão escolar dos sujeitos e seus motivos para o retorno escolar.

#### 5.4 Caracterizando o campo de pesquisa

A pesquisa foi realizada no Campus I da Universidade Federal da Paraíba em João Pessoa/Paraíba. Foram realizadas no período de dois dias 23 e 25 de abril de 2018 no campus I da UFPB no período noturno. Nas salas do Projeto Curso Pré-universitário PET/Conexões.

#### 5.5 Sujeitos da Pesquisa

As entrevistas semi-estruturada foram realizadas no período de dois dias 23 e 25 de abril de 2018 no campus I da UFPB no período noturno. Através de um gravador captando todos os momentos de fala contando com a minha presença e da orientadora prof. Dra. Suelídia Calaça que me orientou como deveria ser feito as entrevistas deixando eles livres e que não interferisse no momento da fala para haver maior riqueza de detalhes. A idade dos sujeitos variou entre 25 e 55 anos de ambos os sexos. A entrevista aconteceu com discentes de modo espontâneo de quem gostaria de colaborar com a pesquisa:

1. Com que idade começou a estudar?
2. Sua família incentivou você a estudar?

3. Conte sobre sua vida escolar.
4. Quais dificuldades tinha na escola?
5. A escola (direção, professores, coordenação pedagógica) ajudou a superar estas dificuldades?
6. O que motivou seu retorno aos estudos?

## 5.6 Análise dos Resultados

Utilizamos como reflexão leituras de autores como Freire (1991/2006), Hurtado (2006), Laffin (2012), Pinto (1993), entre outros e documentos sobre o EJA considerando como estratégia metodológica a história oral dos sujeitos. Os critérios que foram adotados para a escolha dos discentes que responderam à pesquisa será a condição de aluno que abandonou a escola na chamada escola regular e retornou aos processos de escolarização através do Projeto Curso Pré-universitário PET/Conexões.

Durante o TCC fizemos a apresentação dos resultados obtidos com a pesquisa, discutindo as situações colocadas da realidade. Como proposta é estabelecer um diálogo entre as falas dos sujeitos da pesquisa e os fundamentos teóricos dos autores como Freire (1991/2006), Hurtado (2006), Laffin (2012), Pinto (1993), entre outros na perspectiva de responder aos questionamentos que motivaram este estudo. Como apontamos propostas para diminuir a evasão escolar dos sujeitos de origem popular da EJA e seu retorno escolar de como melhorar a aproximação da escola com seus sujeitos.

As entrevistas aconteceram no horário do curso PET/Conexões a noite e todos estavam motivados e agradecidos pela oportunidade que o curso oferece foram vários momentos de emoção por lembrarem a vida escolar e como estão agraciados por voltar a realizar dos sonhos que ficaram adormecidos.

Com os dados obtidos nesta pesquisa, fica claro que no que diz respeito a estes sujeitos que a evasão escolar está atribuída às más condições que a escola oferece em relação ao modo como os discentes são tratados em vez de prestar suporte pedagógico acaba negligenciando os sujeitos trazendo consequências para o presente e futuro dos sujeitos, a discriminação social e racial, e não efetividade de direitos estabelecidos em lei, impedindo serem cidadãos. Contudo, podemos compreender os sujeitos e os motivos que os

levaram a abandonar os estudos. De modo geral as respostas obtidas nos questionários apontam para uma educação ainda muito distante do que preconizam as teorias trazidas pelos teóricos referenciados neste trabalho e pelos documentos oficiais do governo.

## 6. A EVASÃO ESCOLAR DA EJA NA PARAÍBA

Dentro os motivos que levam os discentes a estarem em processo de evasão, está o fato de que muitos precisam trabalhar ou ajudar nos fazeres do cotidiano. Alguns destes jovens escutam de pais ou responsáveis que devem trabalhar ao invés de estudar, não sendo esclarecidos sobre a dominação social através da exploração do trabalho, tornando-se sujeitos alienados, negando até seus próprios ideais. Segundo Pinto (1993, p. 52)

Em sentido mais restrito, histórico, social, a alienação se refere ao estado do indivíduo, ou da comunidade, que não retira de si mesma, de seus fundamentos objetivos, os motivos, os determinantes (as matrizes) com que constitui sua Consciência, e sim os recebe passivamente de fora, de outros indivíduos ou comunidades (para os quais são válidos), e se comporta de acordo com esses motivos e determinantes como se fossem seus. Neste sentido é que o indivíduo ou a comunidade perdem sua essência. O homem perde sua dignidade de ser livre, a sociedade perde suas características de autonomia, de capacidade criadora de si, material e culturalmente. A essência que exibem não é a sua, é emprestada, quase sempre imposta a eles por outro indivíduo ou sociedade mais forte que os submete.

Para Pinto (1993) O educador tem de considerar o educando como um ser pensante. É um portador de ideias e um produtor de ideias, dotado frequentemente de alta capacidade intelectual, que se revela espontaneamente em sua conversação, em sua crítica aos fatos, em sua literatura oral. O que ocorre é que em presença do erudito arrogante, "culto" (o "doutor"), o analfabeto se sente inferiorizado e seu comportamento se torna retraído.

### 6.1. Os índices da evasão escolar no Brasil e na Paraíba

O Brasil possui a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior Índice de Desenvolvimento Humano – (IDH) e a menor média de anos de estudo entre os países da América do Sul. Apesar de todos os avanços considerados na contemporaneidade em educação a frente as gestões do então Presidente Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Vania Russef não foram bem aproveitados e estimulados por parte do atual governo. Os

índices de evasão escolar no Brasil e na Paraíba, aumentaram entre 2015 e 2017 na rede educacional. Os dados obtidos que são divulgados ao mesmo tempo da educação infantil, fundamental e EJA e em todos anos demonstram um avanço nos índices de evasão.

O estado com maior índice de evasão escolar no Brasil é o estado do Pará, cujos números chegam a 16% dos discentes, predominantemente no ensino médio em que as taxas se encontram entre 12,1 e 12,7 % dos discentes matriculados na 1ª e 2ª série. O ensino fundamental possui a 3ª maior taxa com 7,7 % de evasão escolar, seguido pelo 4º ano do ensino médio com 6,7%. Somando os índices de evasão total no nível médio a taxa encontra-se em 11 % do total de discentes.

A evasão é um processo muito complexo, dinâmico e cumulativo de saída do estudante e pode ser vista como expulsão escolar. As metas estipuladas pela Constituição Federal de 1988, que determinam a universalização do ensino fundamental e a “erradicação” do analfabetismo, ainda não se concretizaram. A “evasão” pode ser considerada um “ato solitário” e pode denotar o próprio fracasso das relações sociais; não tem uma origem definida e por isso não terá um fim por si só. Drogas, sucessivas reprovações, prostituição, falta de incentivo da família e da escola são alguns dos fatores que podem levar o educando a sair da escola (FILHO; ARAÚJO, 2017, p.25).

A evasão é maior nas escolas rurais em todos os níveis de ensino. A rede privada de ensino o índice é muito baixo, sendo 3,6%, em seguida da rede federal de ensino com 5,6%. O ano em que a evasão foi mais alta foi em 2007/2008 cujo índice foi de 14,4% diminuindo bastante nos anos seguintes até 2013/2014 atingiu 10,8%.

Em relação ao estado da Paraíba a evasão escolar acompanha os índices nacionais, sendo o ensino médio, com 12% de afastamento com as 1ª e 2ª séries respectivamente. O que chama atenção é para um crescimento na EJA com a migração do ensino regular para o ensino de jovens e adultos, a evasão escolar nas escolas de zona rural é bastante intenso na Paraíba em todos os níveis de ensino.

A migração para a EJA é mais contundente no final do ensino fundamental com 12% dos discentes deixando as salas no ensino médio e 8 % evadem entre o 7º e 8º ano. (CORREIO DA PARAÍBA). Acesso em:10/05/18.

É interessante observar que os governos estaduais, municipais e federal gastam enorme quantidade de recursos em campanhas publicitárias mostrando que a evasão diminuiu, ou seja, maquiando e manipulando informações incoerentes, mas na verdade isto aumentou, principalmente nos anos 2015-2017.

E mesmo estando presente na Constituição Federal de 1988, que determinam a universalização do ensino fundamental e a “erradicação” do analfabetismo, ainda não se concretizaram, mesmo sendo a educação um direito garantido e determinado em seu art. 6º. Neste, a educação – juntamente com moradia, trabalho, lazer, saúde, entre outros – constitui um direito social (BRASIL, 1988).

## 6.2. A evasão escolar a partir das histórias de vida dos sujeitos de origem popular

Fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, bem como escolares, influenciam na evasão escolar. Muitos educadores têm colaborado a cada dia para o problema se agravar, mediante a utilização de um método didático superado ou de uma prática cristalizada, às vezes inexperiência, acabam por desenvolver o conteúdo de forma descontextualizada e sem sentido para o aluno.

Neste sentido faz-se importante a presença da educação popular para a educação de jovens e adultos em que os discentes exerçam um aprendizado para instigar com reflexão e propriedade desenvolvendo o senso crítico e investigador do seu próprio conhecimento, não deixando ser influenciado por um discurso reacionário e elitista abrindo mão de seus sonhos, ao contrário que seus ensinamentos sejam levados a sério e ampliado com bastante diálogo e participação para um mundo melhor democrático e plural para todos.

Silva (2015) aponta que, em sua maioria, os alunos dessa modalidade de ensino são aqueles que possuem um histórico de fracassos na escola e, frequentemente com baixa autoestima, por isso necessitam de motivação,

encorajamento e do sentimento de que são parte importante daquele aprendizado. Quando não encontram uma realidade assim tendem a abandonar mais uma vez o ambiente escolar. O que nos leva a refletir sobre o que o professor pode fazer para ajudar a diminuir essa realidade. Um docente que planeje suas aulas de modo que incluam os sujeitos que possuem identidades diferentes em realidades iguais ou diferentes que carregam uma bagagem de experiências e que possam promover uma educação de qualidade modificando a realidade dos discentes e seu entorno. Neste processo também é importante a contribuição da gestão escolar, auxiliando no planejamento do professor, assumindo a responsabilidade na administração da organização da escola e na boa condução de seus recursos financeiros.

A contextualização a partir da realidade dos sujeitos possui uma relevância na fomentação de símbolos para o Ensino de Jovens e Adultos enquanto processo de formação dos indivíduos, quando o sujeito se torna empoderado com o conhecimento, ele possui formas de fazer com que outros possam se mobilizar para libertar as amarras impostas pelo capitalismo. Para Freire, “não há saber mais ou menos; há saberes diferentes” (1991, p.49)

As influências de outros discentes distantes já evadidos colaboram para que outros discentes também se afastem da comunidade escolar, como afirma Carbonaro e Workman (2013, p.10), isso se explica pelas referências que pautam essas distintas relações de amizade.

A identidade social dos alunos e sua convicção sobre aquilo que é “normativo” encontra respaldo nos amigos distantes, a respeito dos quais os estudantes não têm muitas referências, ao passo que o comportamento dos amigos próximos, na visão dos estudantes, tem relação com suas características de personalidade e com as circunstâncias em que vivem.

Neste momento do trabalho, passamos a discutir as falas dos alunos cursistas do Projeto Curso Pré-universitário PET/Conexões.

Percebemos durante os depoimentos dos sujeitos que a maior expectativa que eles têm é conseguir o sonho de terem acesso ao ensino superior para continuar os estudos em uma universidade, para um dos entrevistados a universidade significa a garantia de profissionalização em sua

área de interesse: “Meu retorno agora é porque eu sempre tive uma vontade de formar e de ser engenheiro”.

Quando perguntamos aos mesmos qual o motivo que os fizeram voltar aos estudos, respondem que é a vontade de querer continuar de onde pararam. Os motivos que apresentam para terem parado de estudar são muitos: trabalhar para conseguir o sustento das famílias, criar filhos, entre outros.

Durante as entrevistas percebemos que a escola é citada várias vezes e como existe um desvio de finalidade com grandes omissões por parte da escola seja pública ou privada. Quando perguntados se a escola dava suporte para as suas dificuldades, vários discentes afirmaram durante as entrevistas que a escola não dava este suporte e que suas dificuldades eram relegadas pela instituição de ensino, a exemplo desta fala:

Não, naquele tempo não tinha, era muito rígido. Eu lembro que uma vez fui fazer uma prova de estudos sociais das capitâneas hereditárias, eu decorava; repeti a 4ª série duas vezes, fui para 5ª série estudei ai quando foi quando houve esse problema de ir pra Alagoa Grande para concluir o ensino senti uma grande dificuldade por conta disso, desse aceleração não sei como foi isso e tanto que eu ficava voltando também por exemplo eu fiz a EJA para ver se conseguia ver alguma coisa que eu tinha perdido como matemática aquela coisa tipo assim ficar como ouvinte.

Esta entrevistada repetiu a 4ª série 02 vezes e teve dificuldade de compreender o conteúdo, muitas vezes ia com fome para as aulas. Ela sempre se culpou por não aprender, mas a escola foi omissa ao não ajudá-la a se desenvolver educacionalmente, quando apresentava dificuldades de entender o conteúdo escolar. Ao ser questionada, apresentou vários motivos de evasão: morar em outra cidade, ajudar os pais idosos, não entender os conteúdos, apresentar dificuldades com relacionamentos com os docentes, professores ausentes em sala de aula.

Para esta outra entrevistada, a escola era ausente ou omissa. Na maioria dos discursos os pais não incentivavam a estudar e tinha dificuldades de compreender os materiais didáticos.

Fiz assim seguindo até terminar meu científico na época parei e casei fiquei como uma pessoa, como dona de casa. Com as matérias o que era dado não era tão fácil de entender as coisas. Assim não era acompanhada (não tinha orientação de professores).

Para outro cursista do PET/Conexões, seus estudos começaram na rede privada, mas depois foi para a rede pública de ensino, onde teve bastante dificuldade escolar, chegando a repetir 5 vezes a 6ª série:

A forma que digamos assim a postura do professor dentro de aula, ele não se preocupava muito com a disciplina em sala de aula, não existia castigo severo e isso foi fazendo que eu fui me dispersando e também neste processo que eu estou falando na questão da criança para o adolescente a questão da idade de 10 para 15 anos no ensino fundamental, essa transição do ensino fundamental do 1ª ano a 4ª série para eu me manter na escola não somente eu como vários colegas que era influenciado pelo modelo educacional do país.

Também outro cursista, narra suas dificuldades e repetição de série escolar:

Dificuldade na minha gagueira e matemática, terminei meus estudos não tinha professor nem de física, química e biologia. Eu tinha muita dificuldade no 2º e 3º ano (do ensino médio), o diretor da escola pedia para gente fazer um trabalho e partir daí ele tirava as 03 notas, dividia por 03 e tirava a média final e assim a gente era aprovado no 2º e 3º ano. Eu repeti 02 vezes a minha 5ª e 6ª série. A 5ª eu repeti pelo problema de fala, eu gaguejo muito, eu tinha problema, eu tinha vergonha, aí tinha apresentações para apresentar trabalho.

Na conclusão das entrevistas a palavra mais falada é a escola que, infelizmente, aparece de modo errado, ao invés de ajudar e acaba atrapalhando o desenvolvimento dos discentes. Este problema é estrutural e começa na educação e atinge toda a formação do sujeito desde a educação, saúde, segurança; em todas as entrevistas o que faz refletir sobre o papel da escola.

Neste sentido, apontamos que esta vem passando por grandes transformações ao longo de décadas. Os autores, (FILHO E ARAÚJO, 2015), trazem a discussão abordando o tema em vários momentos no sistema educacional, provocando a reflexão para mobilizar didaticamente e

dinamicamente as relações de escolares de como podemos ampliar o número de vagas para jovens e adultos para aumentar a inclusão e poder estender para que alcance a todos, pois com jovens e adultos inclusos a ociosidade é evitada como trazer de volta para a educação jovens e adultos que foram excluídos, marginalizados, oprimidos do processo educacional que buscam o retorno para a volta de seus sonhos e objetivos que foram deixado de lado.

O sistema escolar deve ser pensado e executado pelo todo com a participação da comunidade, escolar envolvendo as múltiplas linguagens que é a observação, registro e análises do que jovens e adultos realizam durante seu aprendizado, aproveitando os momentos para a discussão, privilegiando o currículo que é a alma da escola para a organização e flexibilização dos espaços em prol da escola aberta, dinâmica, apta a resolver ou mediar conflitos.

Entender este contexto sob o prisma da complexidade (ou integralidade, como o chamou a Educação Popular) é, sem dúvida, um novo desafio que só é possível a partir da práxis, porque a partir desta visão complexa aparecem as novas leituras, temas, interpretações, desafios, atores e sujeitos, aos quais a Educação Popular deverá responder inclusive a partir dos novos cenários nos quais se expressa a luta (HURTADO: 2006, p.148).

A escola deve partir de uma perspectiva democrática, contemplando fatores políticos e pedagógicos. Quando professores exercem a profissão acabam participando ativamente de um currículo que abarque conteúdos, metodologias de ensino o que é desejável numa escola, promovendo a coerência que envolva o projeto político pedagógico democrático, ou seja com a participação de todos da gestão escolar ao pessoal da limpeza, ouvindo, discutindo para desaguar numa ação pedagógica advindo destas relações escolares do clima organizacional que a escola promove.

Como consequência do nosso compromisso ético, a Educação Popular desenvolve uma demanda epistemológica de acordo com seus princípios e valores. Se for para construir sujeitos livres mediante a educação, o conhecimento nunca pode ser entendido e usado como instrumento de dominação e/ou alienação. A educação, entendida e praticada como um ato libertador, requer um marco epistemológico no qual o conhecimento seja construção social permanente dos sujeitos

educandos, num ato pessoal e social de (se) compreender e (se) libertar (HURTADO: 2006, p. 151).

O que acaba gerando novas discussões e apontamentos em um movimento cíclico em prol do discente. Influenciando de maneira completa na prática de um docente, pois são as bases da educação com o objetivo de escolarizar. A teoria não existe sem a prática e vice-versa e deve buscar os princípios políticos e pedagógicos com coerência associado a democratização da escola, da sociedade e com a formação global do sujeito. Ou seja, o docente age como meio de um processo que envolve o planejamento, execução e vivências, na prática destes princípios que são a base de um sistema educacional.

O discente é um sujeito crítico que precisa desenvolver melhor a criticidade com seu próprio olhar e o docente atua como facilitador do processo ensino e aprendizagens que requer preparo estudo e sempre processo de formação continuada ensinar promovendo o construir do conhecimento com as várias informações para a ampla discussão de todos, não de forma isolada em sala de aula, mas através da interdisciplinaridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Popular pode favorecer formas que os indivíduos possam transformar as comunidades e seu redor fazendo com que a participação coletiva possa modificar fatores que possam atrapalhar o desenvolvimento social coletivo bem como despertar a sociedade a reflexão com senso crítico para despertar mudanças na sociedade.

Observamos fatores que levaram a evasão escolar e mostramos as consequências deste afastamento. Desta forma o docente, assim como a escola, possui a responsabilidade do desafio que a EJA apresenta para garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem dos discentes. Isto requer um preparo do docente para atuar na formação destes sujeitos como didática, metodologia e material didático.

Acreditamos que a escola possa criar projetos didáticos críticos e contextualizados para intervir a partir da realidade com o contexto de interesses e do conhecimento prévio dos discentes com idéias iguais, contrárias de conflitos e a própria história cotidiana. Como a escola ou instituição público educacional deve atualizar o projeto político pedagógico, pois é um instrumento que abarca toda a comunidade escolar.

As informações obtidas nesta pesquisa demonstram a condição de uma educação frágil para jovens e adultos. Os fatores para a evasão escolar são decorrentes de várias situações sociais, econômicas.

Esperamos que este trabalho tenha contribuído para uma maior reflexão sobre o processo de evasão escolar durante o ensino normal, buscando entender as condições de aprendizagem naquele momento e sobre os desafios que os jovens de origem popular enfrentam para concluírem seus estudos e ao mesmo tempo terem acesso ao ensino superior.

De acordo com nossa pesquisa a escola deixa várias lacunas nos discentes no processo de formação, nos levando a refletir a partir das entrevistas narradas. Falta continuidade de formação dos educadores, incentivos da escola junto aos discentes com o suporte pedagógico coordenadores, direção, docentes e orientação educacional. A reflexão acontece para o sistema de ensino como um todo, o problema é muito mais estrutural e exige um olhar crítico de todos que almejam um ensino de

qualidade. Como a falta e fragilidade de políticas públicas e a descontinuidade do processo de formação acadêmica que existe. Nas instituições acadêmicas há determinados recuos de bolsas e contratos o que acaba prejudicando a formação dos educadores. Há também a falta de identidade profissional com a área de atuação como uma didática aplicada a EJA. Muitos profissionais da educação estão em fim de carreira. Esses fatores desaguam em uma política pública consistente para demandar estas situações procurando soluções para estes fatos.

## REFERÊNCIAS:

- BRASIL, MEC/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Base Nacional Comum Curricular 2017**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mc.gov.br/imagens/BNCCpublicação>. Acesso em: 03/11/2017.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm) Acesso em: 26 de março de 2018.
- BRASIL. **Documento Base Nacional. Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Brasília, 20 mar. 2008.
- CARBONARO, W.; WORKMAN, J. **Dropping out of high school: effects of close and distant friendships**. Social Science Research, v. 42, n. 5, p. 1254-68, 2013.
- CORREIO DA PARAÍBA. **Taxa de repetência nos anos finais na PB é a 3ª maior do país; evasão no ensino médio é de 12%. Acessado em 19/mar/2017**. Disponível em: [www.correiodaparaiba.com.br/cidades/educacao/taxa-de-repetencia-nos-anos-finais-na-pb-e-a-3a-maior-do-pais-evasao-no-ensino-medio/](http://www.correiodaparaiba.com.br/cidades/educacao/taxa-de-repetencia-nos-anos-finais-na-pb-e-a-3a-maior-do-pais-evasao-no-ensino-medio/). Acessado em: 10/05/2018.
- ESTEBAN, Maria Teresa. **Educação popular: desafio à democratização da escola pública**. In: Cadernos CEDES. Campinas: v.27, n.71 – jan. /abr. 2007.
- FILHO, Raimundo Barbosa Silva; ARAÚJO, Ronaldo de Marcos de Lima. **Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências**. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, jan.-jun. 2017.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 47ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Questões da nossa Época, vol. 13).
- FREIRE, Paulo. **A EDUCAÇÃO é um ato político**. Cadernos de Ciência, Brasília, n. 24, p.21-22, jul. /ago. /set.07/1991.

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. José E. Romão (orgs.). – 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GUEVARA, Nicolás. **A Educação Popular no Século XXI**. In: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy (Org.). **Educação popular na América Latina: diálogos e perspectivas**. Brasília: Ministério da Educação; Unesco, 2006. p. 147-156. (Coleção educação para todos).

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Diretrizes da Política Nacional de Educação de Jovens e Adultos**. Consolidação de documentos 1985/1994. São Paulo: CEDI/Ação Educativa.

HURTADO, Carlos N. **Contribuições para o debate latino-americano sobre a vigência e a projeção da educação popular**. In: PONTUAL, Pedro; IRELAND, Timothy (Org.). **Educação popular na América Latina: diálogos e perspectivas**. Brasília: Ministério da Educação; Unesco, 2006. p. 147-156. (Coleção educação para todos).

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **A Constituição da Docência na Educação de Jovens e Adultos**. In: Currículo sem Fronteiras. V.12, N 01, pp 210-228, Jan/Abr/2012.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOLL, Jaqueline. **Educação de jovens e Adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2011. 144p. – (Série Projetos e Práticas Pedagógicas).

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira**. São Paulo: Loyola, 1973.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção**. São Paulo: Saraiva, 2001.

SÁ, Celso Pereira. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SILVA, Hérica Fontes da. **As causas da evasão escolar: um estudo de caso numa unidade de ensino da rede municipal de Itupiranga – Pará nos anos de 2013 e 2014**. In: Congresso Nacional de Educação, 12, Pará: PUCPR, 2015.

TRIVINÓS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VENTURA, Jaqueline P. **Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores no Brasil: revendo alguns marcos históricos.** 2001.